

V!RUS

Revista do Nomads.usp
Nomads.usp Journal
ISSN 2175- 974X

desenhando coexistencia | designing coexistence | sem 2-10

Como citar esse texto: TAKAKI, E.; COELHO, G. Multiterritorialidade, Cultura e Redes Sociais: Espacialidades híbridas, práticas do movimento Hip Hop no rio de Janeiro. **V!RUS**, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=3&lang=pt>>. Acesso em: dd mm aa.

Multiterritorialidade, Cultura e Redes Sociais: Espacialidades híbridas, práticas do movimento Hip Hop no Rio de Janeiro

Emika Takaki, Glauci Coelho

Emika Takaki é Arquiteta e Pesquisadora em Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Glauci Coelho é Arquiteta e Pesquisadora em Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo

Trazemos para o debate como o movimento *Hip Hop* constrói espacialidades híbridas no cenário urbano e desenha sua coexistência periférica na cidade do Rio de Janeiro. Este trabalho teve como objetivos dar visibilidade à cultura *hip hop* e investigar a inserção de comunidades virtuais nos territórios híbridos da cidade. Um dos mecanismos de atuação do movimento *hip hop* se dá através de *sites* de relacionamento e das redes sociais virtuais. Assim, a partir das comunidades virtuais observam-se a construção de uma multiterritorialidade resultante da sobreposição de territórios capaz de romper os limites temporais e geográficos. Esta pesquisa foi desenvolvida no período entre setembro de 2008 e abril de 2010, resultando em relatórios textuais e fotográficos. Nossa metodologia foi baseada em pesquisa em campo e em sites de relacionamento (*wikis, orkut, twitter e blogs*) do movimento *hip hop*. A partir de uma investigação exploratória e não estruturada, identificamos que estas redes sociais virtuais são caracterizadas por um sentimento de pertencimento, senso comum e forte interação social. As redes sociais virtuais comprovam que o ciberespaço é considerado um incremento do capital social e cultural. Entender esta interface digital permite uma melhor compreensão da expansão de novas formas de redes sociais e de ampliação do capital social em nossa sociedade.

Palavras chaves: multiterritorialidade, hip hop, cultura, espaço público, identidade.

Apresentação

Trazemos para este debate como o movimento *hip hop* na cidade do Rio de Janeiro constrói espaços simbólicos em que a população apóia sua identidade, exprime sentimento de pertencimento e cria seu patrimônio cultural. Este trabalho tem como objetivos dar visibilidade à cultura *hip hop* e investigar a inserção de comunidades virtuais nos territórios híbridos da cidade. Ressaltamos que um dos mecanismos de atuação do movimento *hip hop* se dá através de sites de relacionamento e das redes sociais virtuais.

Assim, a partir destas comunidades virtuais observa-se a construção de uma multiterritorialidade resultante da sobreposição de territórios capaz de romper os limites temporais, sendo definida pelo 'encaixe' em diferentes escalas e dimensões. Vale observar que os eventos ora citados, e divulgados também pelas redes sociais, encontram materialidade sempre em espaços de domínio público na cidade, como um dos muitos pontos desta rede que desenha sua coexistência periférica no cenário urbano, transformando e (re)-significando espaços urbanos em lugares de encontro.

Nossa construção teórico-metodológica foi baseada em pesquisa em campo com diversas incursões entre setembro de 2008 e abril de 2010 que resultaram em relatórios textuais e fotográficos, em *sites* de relacionamento do movimento *hip hop* visualizados nas páginas dos *wikis, orkut, twitter e blogs*, além de argumentações teóricas sobre cultura híbrida, espaços públicos e multiterritorialidade trazidas conseqüentemente por Canclini (2000, 2006), Teixeira Coelho (1986, 1997), Huet (2001) e Haesbaert (2004).

Com efeito, é válido compreender que o acesso à cultura universal deve ser combinado com a valorização dos processos criativos dos grupos e movimentos culturais da comunidade, para que a sua experiência, o seu saber e a sua visão de mundo interpenetrem o tecido social e gerem uma nova qualidade de vida, diferente da aridez da 'modernidade' impulsionada pela homogeneização cultural.

Considerações sobre cultura, espaço público e hibridismo

A cultura é considerada um 'catalisador' de urbanidades e um instrumento de inclusão social, pois potencializa e estimula o sentimento de pertencimento e identidade cultural de comunidades. Valorizando os movimentos culturais como territórios culturalmente expressivos criam-se possibilidades de trocas entre um número mais significativo de atores sociais. Neste processo, levam-se em consideração as diferenças e as experiências, criando condições para que a sociedade se transforme e se aperfeiçoe.

Com isso, entendemos que o movimento cultural do *hip hop*, ao se manifestar na cidade, possibilita uma relação de alteridade e aproximação com o Outro. Ao interagir e retirar da cultura símbolos, resignifica os espaços urbanos e resgata a socialização da vida pública. Torna-se válido delinear sobre os percursos e uso da cultura nos projetos e políticas urbanas

contemporâneas. Werthein aponta que a cultura é “capital social” capaz de mobilizar,

[...] por estimular o sentimento de pertencimento a um projeto coletivo, a participação, a promoção de atitudes que favoreçam a paz e o desenvolvimento sustentado, o respeito a direitos, enfim, a capacidade da pessoa humana e das comunidades de regerem o seu destino (WERTHEIN, 2003, p.16).

Nesse sentido, a cultura aparece como um espaço social privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais que os jovens buscam para demarcar suas identidades. Tal potencial da cultura se confirma na colocação feita por Gilberto Gil, quando aponta que esta se constitui no espaço social como um “eixo construtor das identidades, como espaço privilegiado de realização da cidadania e de inclusão social e, também, como fato econômico gerador de riquezas” (GIL, 2003, p.9).

O que se observa é o deslocamento da cultura de uma posição subordinada para uma posição estratégica nas políticas urbanas contemporâneas, nas quais observamos um crescente número de ações culturais que visam à promoção da identidade local e inclusão social. Na maioria dos casos, o espaço público – rua – passa a ser o ‘palco’ de muitas destas manifestações culturais. Segundo Faria,

[...] a rua é o reino da comunidade. Podemos dizer que ela é o lugar por excelência das manifestações culturais da comunidade. (Assim, como local mais próximo à comunidade.)¹ A experiência demonstrou que os lugares culturalmente apropriados pela população têm sido valorizados. [...] Há hoje uma ida às ruas pró-movimentos culturais (FARIA, 2003, p.40).

Dentro da construção acima, a rua é o local perfeito para a materialização das ações culturais e o movimento *hip hop* se converteu numa forma de comunicação eficaz nas periferias da cidade. Veremos que tal diálogo com as diversas localidades da cidade também se estabelece através das redes sociais virtuais que espacializam a cultura *hip hop* no Rio de Janeiro.

O *hip hop* é aquele que convida à manifestação da vida pública, convertendo-se no próprio lugar de afetividade propício à construção e afirmação de identidades, ao mesmo tempo em que cria o espaço físico para sua manifestação. Como citado por Martins (2005, p.41), no espaço público, os jovens criam espaços próprios de urbanidade que se transformam em territórios culturalmente expressivos nos quais diferentes identidades são elaboradas.

Acreditamos que são os laços culturais e identitários que unem indivíduos e enraízam comunidades. Na atualidade, culturas e identidades distintas são postas lado a lado, propiciando novas mesclas sócio-culturais. Na maioria das vezes, as culturas encontram novas materialidades e assumem novos aspectos. Para Teixeira Coelho (1997, p.125) e Canclini (2000, p.19), tornam-se híbridas e são resultados das diversas mesclas interculturais.

Assim, damos destaque ao movimento *hip hop* no Brasil como exemplo do processo de hibridização cultural que, segundo Leal (2007, p.20), teve sua origem na década de 70 nos

¹ [N. A.]. Nota das autoras.

Estados Unidos, mais precisamente nos subúrbios de Nova Iorque e de Chicago; chega ao Brasil na década de 80 e recebe influências de diversas culturas locais.

De acordo com Fochi a cultura hip hop nasceu a partir de ações para conter as constantes guerras e disputas entre as gangues da periferia de Nova Iorque, a alternativa foi promover uma organização interna utilizando recursos da própria comunidade, sem depender de apoio político governamental. Em seu relato, o autor expõe a seguinte afirmativa:

Além de estratégia para atrair os jovens e conter disputas e violência entre as gangues, a música, dança e arte do hip hop, funcionam como elementos de promoção da cultura. Para fazer as letras, inventar novos passos de dança e expressões artísticas, é preciso conhecer a realidade, conhecer história, estar engajado. Dessa forma, promove-se a conscientização e a inserção social dos indivíduos - ou pelo menos, inserção e conscientização quanto à dura realidade que se encontram (FOCHI, 2007, p.62).

A Cultura Híbrida do *hip hop* no Brasil e sua multiterritorialidade

Tratamos da cultura híbrida do *hip hop* através da experiência vivida no espaço das redes sociais virtuais, que ilustra a sua multiterritorialidade. Entendemos que o movimento *hip hop* é capaz de articular um território-rede coeso a partir de sua espacialização virtual, pois pontua no espaço físico da cidade lugares experienciáveis. Assim, para entendermos estas implicações, utilizamos o conceito de multiterritorialidade por Haesbaert (2004, p.348):

[A multiterritorialidade é] resultante do domínio de um novo tipo de território, o território-rede em sentido estrito (...). Aqui, a perspectiva euclidiana de um espaço-superfície contínuo praticamente sucumbe à descontinuidade, à fragmentação e à simultaneidade de territórios que não podemos mais distinguir claramente onde começam e onde terminam ou, ainda, aonde irão 'eclodir', pois formações rizomáticas também são possíveis.

Nesse aspecto, aplicamos o conceito de rizoma para trazermos à tona a noção de multiterritorialidade da cultura *hip hop* e sua interação no território das redes sociais virtuais. O que queremos dizer é que a cultura *hip hop* possui um caráter rizomático, pois não precisa de um ponto fixo de encontro e é conectável virtualmente (podendo materializar-se em qualquer ponto da cidade). Segundo Deleuze e Guattari um rizoma é "conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível suscetível de receber modificações constantemente" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.22).

Assim, ressaltamos a multiterritorialidade de uma cultura de manifesto e que no Brasil se recria ao se hibridizar com a cultura do lugar. Lugar este, parafraseando Canclini (2006, p.327):

a partir do qual vários artistas latino-americanos escrevem, pintam ou compõem músicas, [e que] já não é a cidade na qual passaram sua infância, nem tampouco é essa na qual vivem há alguns anos, mas um lugar híbrido, no qual se cruzam os lugares realmente vividos.

Tais considerações nos colocam frente a um território apropriado pelos aspectos vividos, no

qual se destaca a atuação do tempo como capaz de imprimir no lugar a diversidade da cultura *hip hop*. Observamos que o tempo atua não somente no espaço propriamente dito, mas também no espaço virtual de encontro, o que para Haesbaert é:

mais do que [...] superposição espacial, [...], trata-se hoje, principalmente com o novo aparato tecnológico-informacional à nossa disposição, de uma multiterritorialidade não apenas por deslocamento físico como também por 'conectividade virtual', a capacidade de interagirmos à distância, influenciando e, de alguma forma, integrando outros territórios. (HAESBAERT, 2004, p.13).

Nesse aspecto remarcamos as redes sociais identitárias do movimento *hip hop* que divulgam não só eventos, mais, sobretudo tentam delimitar de alguma forma sua origem e fixação de sua presença em "território nacional" com características particulares à cultura brasileira, mas sem se desvincular da sua ideologia fundadora nos guetos norte-americanos. Bastos aponta para algumas características do movimento *hip hop*:

a opressão, marginalização, violência, privação de cultura e lazer é uma realidade percebida e sentida de forma parecida pelos moradores de periferia de qualquer lugar do mundo. No entanto, o diálogo com a cultura local, com o popular, com o regional faz com que o Movimento *hip hop* adquira características singulares que o diferencia e legitima dentro das peculiaridades políticas, sociais, culturais e raciais locais. (BASTOS, 2008, p. 35).

De acordo com Bastos (2008), o movimento *hip hop* no Brasil surge em meados da década de 80 em São Paulo e no ABC Paulista. Suas primeiras manifestações ocorreram na Praça Ramos em São Paulo e na rua 24 de Maio, também na região central. Segundo Ribeiro (2009, p.4):

Este tipo de dança de rua, denominada genericamente como *break*, é a primeira manifestação do *hip hop* no Brasil, e passa a ser executada na Praça Ramos, na Estação de Metrô da São Bento e na Galeria 24 de Março, destacando-se neste período as equipes de dança *Funk & Cia*, onde se destaca o 'pai' do *break* nacional Nelson Triunfo, e a equipe de *break dance* Jabaquaras.

O movimento *hip hop* se difundiu pelo Brasil e pelo mundo através desses três elementos: o *break*, o *graffiti* e o *rap*. Para Fochi, estes elementos "funcionam como um meio, um instrumento de propagação daquilo que alguns autores denominam o quarto – e, ao nosso ver, mais importante – elemento do *hip hop*: o *conhecimento*" (FOCHI, 2007, p.64). Um dos principais fatores da consolidação e fortalecimento da cultura de rua foi ter, como base de sustentação, a conscientização e o conhecimento.

Com efeito, é importante observar que o *hip hop* também se recria como cultura de rua e de resistência social no espaço virtual das redes sociais, sempre apoiado nos quatro pilares que se converteram nas suas formas de comunicação. De acordo com Yuka (2007, p.15):

seu romantismo ideológico sobrevive a duras penas num plano periférico muito maior, nas favelas de todo Terceiro Mundo. É a partir da periferia dos países pobres que ele se projeta no futuro, anunciando seu mais novo elemento: informação. Daí a importância de se entender sua identidade e seu crescimento em suas diversas áreas de ação.

Percebemos, através das colocações históricas de Fochi (2007), Bastos (2008), Ribeiro (2009) e Leal (2008), que o movimento é carregado de um potencial transformador de realidades, ou seja, a capacidade que ele tem para transformar sua cultura, que encontra no Brasil grande acolhida, e que é em parte devido ao fato da cultura *hip hop* representar um lugar simbólico de construção identitária, por isto o espaço propício à construção e reafirmação da identidade da periferia social.

Acreditamos que o *hip hop*, como cultura, é capaz de expressar sua multiterritorialidade, pois é facilmente hibridizável com a cultura local; como também destaca, no espaço urbano, territórios híbridos. De acordo com Haesbaert (2004, p.344):

a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma 'multiterritorialidade'.

O *hip hop* e suas redes sociais virtuais: coexistência periférica e urbana

O movimento *hip hop* desenha sua coexistência através das comunidades virtuais que recriam múltiplos territórios na cidade do Rio de Janeiro. Ressaltamos que, as comunidades sociais virtuais estabelecem laços sociais e constroem uma interação mútua entre indivíduos que, segundo Primo (1997, p.2), "se reúnem por um senso comum, e não por mera agregação geográfica".

Já para Rheingold (1993), o conceito de comunidade virtual pode ser entendido como um grupo de pessoas que se relacionam no ciberespaço, criam redes sociais e sentimento de comunidade². Para Fernback e Thompson, as comunidades virtuais consistem em "relações sociais formadas no ciberespaço através do contato repetido em um limite ou local específico (como uma conferência eletrônica) simbolicamente delineado por tópico ou interesse" (FERNBACK; THOMPSON, 1995, *apud* PRIMO, 1997, p.8).

Com efeito, identificamos que o movimento *hip hop* possui grande atuação e alcança grande visibilidade através de *sites* de relacionamento e comunidades virtuais, tais como o *orkut*, *blogs*, *sites*, *twitter*, *facebook*, *myspace*, entre outros. Observação esta que é o foco de nossa análise, onde buscamos entender a atuação dos mesmos no ciberespaço e sobreposição na cidade.

Para Silva e Gonzaga (2009, p.6) o desenvolvimento das tecnologias de comunicação no

² Tradução livre das autoras do original "Virtual communities are places where people meet, (...) Point of view, along with identity, is one of the great variables in cyberspace."

espaço fez com que a proximidade das culturas tornasse a sua coexistência mais palpável. Utilizamos aqui o conceito de espaços de coexistência que, segundo Augras, "no espaço de coexistência, os homens tecem redes que os aproximam e os afastam, organizando o mundo de maneira a assegurar áreas recíprocas de movimentação" (AUGRAS, 1981, *apud* LOPES, 2009, p.23). Neste sentido, visualizamos o território como algo dinâmico, através dos constantes movimentos, ritmos, fluxo e rede que, de acordo com Haesbaert (2007, p. 281), é dotado de significado e expressividade.

Assim, a partir de uma investigação exploratória e não estruturada, identificamos que estas redes sociais virtuais são caracterizadas por um sentimento de pertencimento, senso comum e forte interação social. Estas comunidades virtuais são formalizadas através de um discurso político e ideológico, com forte engajamento social e atuação comunitária. Por exemplo, no *blog* "Visão da Favela"³ são postadas mensagens de protesto e posição com relação à sociedade:

[sic] Tem uma grande diferença em viver com o dinheiro e viver pelo o dinheiro. Conheço muita gente que dedicou uma grande parte das suas vidas ao rap, e esses continuam sendo referência para acreditarmos que o rap é acima de tudo um véis para divulgarmos nossos problemas sociais e nossos opressores. A filosofia do nosso coletivo irá continuar acreditando e trabalhando para a evolução e o esclarecimento de nosso papel nessa sociedade de classes, de racista, oportunista, pelegos e simpáticos dos rico (FIELL, 2007).

A idéia de forte cunho ideológico colocada é também difundida por DJ Marquinhos através do *site* "Marquinho DJ *Black Music*"⁴,

[sic] Os negros ainda são minoria quando o assunto é o mundo executivo. Os motivos? Em geral, a falta de uma educação de qualidade, desde o ensino fundamental até a universidade. Mas existem avanços e as ações afirmativas colaboram muito para a formação de uma elite negra (MARQUINHOS, 2009).

[sic] Na zona oeste da cidade, em Padre Miguel, em uma comunidade chamada 'Ponto Chic', surgiu há cerca de dez anos, um grupo de 'resistência cultural' chamado 'Point Chic Charm'. Bastou uma caixa de som, um repertório requintado de black music às alturas para aglutinar os saudosistas que passavam por ali e ficavam a recordar os bons tempos do reinado de James Brown e seus discípulos. Não demorou muito e virou um grande ponto de encontro da negrada, aos domingos, onde quem gostava de ouvir e dançar boa música poderia chegar, trazer a família e seus amigos. Era uma iniciativa dos irmãos negros Eduardo e Ângelo Oliveira. Que depois convidaram os dj's, Jorge Sucesso, Beto Barra e Jhony, para comandar o baile. O movimento cresceu [...]

(MARQUINHOS, 2009).

Neste sentido, destacamos a atuação das redes virtuais sociais do *hip hop* como um território de resistência, que recria espaços de coexistência na cidade. Pode-se dizer que o cunho ideológico desse movimento é materializado através do protesto (figura 1) e reivindica a presença da periferia urbana como ator social ativo, não sujeito à cultura do outro, mas

³ <http://visaodafavelabr.blogspot.com>

⁴ <http://marquinhodjblackmusic.blogspot.com>

atuante no processo de formação da sociedade.

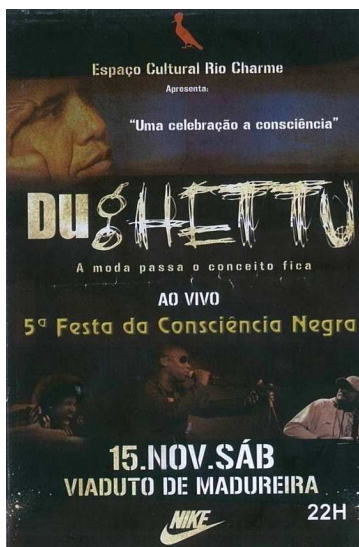


Figura 1: Flyer de divulgação da 5ª Festa da Consciência Negra realizada sob o Viaduto de Madureira em 2008 que confirma o caráter reivindicatório e de afirmação da cultura negra do Movimento hip hop, e que neste momento tomou como slogan a frase dita por Barack Obama "Sim nós podemos" - Fonte: Arquivo particular dos autores - outubro de 2008.

Já noutros *sites* de relacionamento, como o *orkut*, identificamos uma interação maior dos participantes (também classificados como membros) a partir dos tópicos nas comunidades, divulgação de eventos, músicas, vídeos. A comunidade virtual chamada GBCR⁵, originária na favela da Rocinha, vê o *hip hop* como um instrumento de transformação na vida dos jovens e propõe projetos socioculturais ligados ao movimento cultural na comunidade.

A partir de tais considerações, identificamos que a maioria das comunidades virtuais funciona, em primeiro lugar, como um veículo de comunicação para divulgação de eventos, encontros,

⁵ <http://gbcrh2.blogspot.com/>

festas, cursos de capacitação, oficinas, entre outros, além de atuar como multiplicadores dos pontos das redes sociais. Os *blogs* estão conectados através de *links*, em que um tem acesso à rede do outro, tal como se fosse uma 'grande praça' – território para divulgação e colocação das idéias.

O *blog* Visão da Favela, que é claramente um destes pontos da rede virtual, e que tem na 'figura' de MC Fiell um dos seus mais ativos veiculadores, faz parte desses multiterritórios das experiências vividas pelo ciberespaço. Em seu *blog*, divulga mensagens de cunho político (figura 2) e cria um território de luta e resistência,

[sic] Através desse espaço, espero conhecer vários subversivos que intensamente tentam mudar algo nas suas vidas e nas dos seus semelhantes... Sabemos que a paz e liberdade é uma grande utopia em nosso país, Porem não podemos ficar de braços cruzados esperando algo das autoridades... Temos que fazer a nossa parte exigir nossos direitos, não aceitar tudo que nos propõem facilmente... Se nos unirmos e nos organizarmos tudo pode ser possível; mais enquanto não: Isso só favorece a oposição. Saibam todos que, 'A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA'. (FIELL, 2010).

Destacamos no *blog* Visão da Favela o anúncio de divulgação da "Cartilha Popular do Santa Marta: abordagem policial" (figura 2) que tem o objetivo de informar ao morador como são os procedimentos da abordagem policial e orientar a comunidade sobre seus direitos e postura,

[sic] Na quarta feira 24/03/2010 as 16:30h subimos ao auto do morro Santa Marta para distribuir a cartilha. A cartilha popular do Santa Marta sobre abordagem policial nasceu da necessidade dos moradores da comunidade de conter excessos e abusos da ação policial, através da afirmação de seus direitos. Sua intenção é fortalecer a consciência de que o morador da favela deve ser respeitado pelo poder público e por seus agentes. Para isso, a cartilha descreve os limites da ação da polícia e orienta os moradores sobre qual a melhor maneira de agir em uma abordagem e nos casos de violações de seus direitos. Venha já buscar a sua cartilha. (FIELL, 2010).

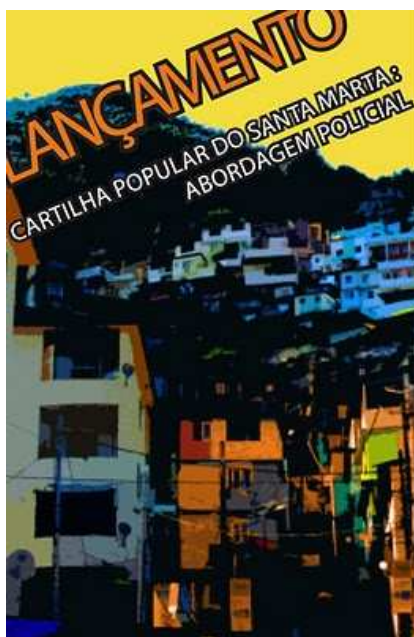


Figura 2: Divulgação da Cartilha Popular do Santa Marta: abordagem policial
- Fonte: Arquivo particular dos autores – março de 2010.

Observamos nada mais que a experiência da multiterritorialidade, que segundo Haesbaert (2004) inclui a reterritorialização *via* ciberespaço, através das múltiplas 'ideias' que se encontram ao redor do simbolismo do *hip hop*. O que impulsiona o encontro está na identidade, muito mais que no lugar físico. O espaço físico percebido pela lente da multiterritorialidade do movimento do *hip hop* é pulverizado no espaço da cidade.

O processo de visibilidade do movimento *hip hop* através das redes virtuais é espacializado no espaço físico, o que observamos é a pulverização do *hip hop* em diversos bairros e municípios da região metropolitana da cidade (figura 3).



Figura 3: Mapa dos Bairros do Rio de Janeiro onde ocorrem festas e eventos ligados ao movimento *hip hop*. Fonte da imagem: Imagem *Google Earth* (Acesso em: 19 de abril 2010). Fonte de dados: *sites* citados no artigo.

Na figura 4, a partir das redes virtuais, foram identificados os eventos, festas, oficinas e cursos que permeiam o movimento *hip hop* no Rio de Janeiro. Isso mostra a abrangência do movimento que percorre o espaço urbano atingindo uma gama diversa de lugares que se encontram nos *sites* de relacionamentos quando seus membros lá depositam suas impressões e experiências dos eventos.



Figura 4: Mapa dos eventos de *hip hop* no Rio de Janeiro segundo os produtores de eventos. Fonte da imagem: Imagem Google Earth (Acesso em: 19 de abril 2010). Fonte de dados: sites citados no artigo.

Considerações finais

Buscamos dar visibilidade ao movimento *Hip Hop* através de suas redes sociais virtuais e sua inserção nos múltiplos territórios da cidade do Rio de Janeiro. Ao construir espacialidades híbridas, a cultura *Hip Hop* coexiste no espaço urbano periférico e cria novos cenários que perpassam o espaço real e sobrepõe-se ao virtual.

As comunidades virtuais, *blogs*, *wikis*, *orkut* e *twitter* comprovam que o ciberespaço é considerado um incremento do capital social e cultural. Entender esta interface digital permite uma melhor compreensão da expansão de novas formas de redes sociais e de ampliação do capital social em nossa sociedade. Deste modo, o *hip hop* pode ser considerado uma força que impulsiona e induz, é a própria cultura em ação que ultrapassa barreiras não só físicas, mas também socioculturais.

Procuramos demonstrar como a cultura *hip hop* pode recuperar o sentido de lugar, pois é vivenciado afetivamente e é capaz de reafirmar a natureza 'libertadora dos guetos'. Deste modo, observamos o movimento *hip hop* como um território de resistência, pois dá visibilidade para aquele que vive nas periferias da cidade do Rio de Janeiro, como também dá suporte aos indivíduos na produção de suas próprias redes (sociais e virtuais), num sentido que aponta para a construção de múltiplos territórios que se apropriam e resignificam, cotidianamente, os espaços públicos da cidade.

Neste sentido, observamos como as redes sociais virtuais se encaixam de forma efetiva na

divulgação e na difusão da ideologia do movimento *hip hop* no Brasil, e sua reafirmação na cidade ao espacializar sua história. Lembramos que, para aqueles que são adeptos do seu sistema de idéias, este pode ser uma das 'últimas saídas' encontradas como possibilidade multiplicadora da ideologia de paz, tolerância e manifestação do outro – periférico como criador cultural.

Referências Bibliográficas

BASTOS, P. N. **Ecossistemas de espelhos. Movimento Hip Hop do ABC Paulista: sociabilidade, intervenções, identificações e mediações sociais, culturais, raciais, comunicacionais e políticas.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CANCLINI, N. G., **Culturas híbridas.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. **Estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

COELHO, T. **Usos da cultura: políticas de ação cultural.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

_____. **Dicionário Crítico de Política Cultural.** São Paulo: Iluminuras, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs Volume 1: Capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FARIA, H. Políticas Públicas de Cultura e Desenvolvimento Humano nas Cidades. In: BRANT, Leonardo (org). **Políticas Culturais Vol. 1.** São Paulo: Editora Manole, 2003. p.35-54.

FIELL, R. **Blog Visão da Favela.** Blogspot, 2007. Disponível em:
<<http://visaodafavelabr.blogspot.com/>> Acesso em: 20 mai. 2010.

FOCHI, M. A. B. Hip hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social? **FACOM. Revista de Comunicação da FAAP**, v. 17, p. 61-69, 2007. Disponível em:
<http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2010.

GBCR. **Blog GBCR.** Blogspot, 2009. Disponível em: <<http://gbcrh2.blogspot.com/>> Acesso em: 20 mai. 2010.

GIL, G. Apresentação. In: UNESCO (org.). **Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura.** Brasília: UNESCO Brasil, 2003. p.9-10. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131873por.pdf>> Acesso em: 21 set. 2008.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://w3.msh.univ->

tlse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE%20Rogerio%20HAESBAERT.pdf> Acesso em: 20 jan. 2010.

_____. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HUET, B., Espaços públicos, espaços residuais. In: ALMEIDA, Marco Antonio Ramos (org) **Os Centros das Metrôpoles**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2001.

LEAL, S. J. de M. **Acorda Hip Hop! Despertando um movimento em transformação**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2007.

LOPES, J. R. Territorialidades urbanas, desigualdades e espaços de coexistência. **XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association**. Rio de Janeiro: LASA 2009 Rethinking Inequalities. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/LopesJoseRogerio.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2010.

MARTINS, C. H. dos S. Os bailes de charme: espaços de elaboração de identidades juvenis. In: **Revista Última década**, nº 22., p.39-62, Valparaíso: CIDPA, 2005.

MARQUINHO. **Blog Marquinho Dj Black Music**. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<http://marquinhodjblackmusic.blogspot.com>> Acesso em: 19 mai. 2010.

PRIMO, A. A emergência das comunidades virtuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 20., 1997, Santos. **Anais...** Santos: 1997. Disponível em: <http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2010.

RHEINGOLD, H. **The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier**. Perseus Books, 1993. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>> Acesso em: 28 jul. 2009.

RIBEIRO, C. C. R. . Interação cultural e social do movimento hip hop. **Revista Palmares** (Brasília), v. ano V, p. 48-55, 2009. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/_temp/sites/000/2/download/artigocrr09.pdf> Acesso em: 20 jan 2010.

SILVA, R. H. A. de; MIGLIANO, M. Redes Culturais em Territórios Urbanos. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18423/1/R1702-2.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2010.

WERTHEIN, J. Introdução. In: UNESCO (org.). **Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura**. Brasília: UNESCO Brasil, 2003, p.9-20. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131873por.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2008.

YUKA, M. Prefácio. In: LEAL, Sérgio José de Machado (org). **Acorda Hip Hop! Despertando um movimento em transformação**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2007.